



GÊNERO, SEXUALIDADE E NARRATIVAS COMO PERFORMANCE: ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS DE POSICIONAMENTO EM NARRATIVAS SOBRE MASCULINIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS

Tiago Pellim¹

1. Introdução

Fridman (2000, p. 63) destaca que o mundo contemporâneo é marcado pelo pluralismo e pela fragmentação, onde “a insegurança, o medo e a fragilidade dos laços contraídos pelos indivíduos entre si atestam as dificuldades de construção da identidade em um mundo marcado pela pluralidade”. Este panorama caracteriza a “fragmentação da subjetividade contemporânea”, um momento em que “a identidade, sob a marca da transitoriedade, nunca se completa”. É esse cenário fragmentado e altamente plural que nos incita a pensar nas identidades sociais em termos de “projetos” (trata-se de um exercício constante de vir-a-ser) ao invés de “produtos” (estão prontas para serem incorporadas).

Para pensarmos nas identidades sociais enquanto “projeto[s] reflexivo[s] de construção do eu” (FRIDMAN, 2000), os estudos sobre performance podem oferecer grandes contribuições, como pretendo mostrar no decorrer deste trabalho. Nesse contexto, o presente estudo se propõe a analisar as estratégias de posicionamento de um jovem em narrativas sobre relacionamentos gays com ênfase na tensão gays ativos/ masculinos *versus* gays passivos/ afeminados, sendo que aqui entendendo as narrativas o gênero e a sexualidade como performances, como explicarei a seguir.

2. Narrativas, Gênero e Sexualidade como Performance

Os estudos sobre performance tomam a obra de Austin (1962) como um trabalho seminal. Ao sugerir que “*dizer algo é fazer algo; ou que por dizermos, ou ao dizermos algo estamos fazendo algo*”, Austin (1962, p. 29) nos leva a pensar na língua como um produto *da* performance e não *anterior à* performance, de forma que, apesar de agirmos no mundo social com sentidos já dados, tais sentidos podem ser re-configurados e transformados através de seu uso.

Apesar do forte sentido teatral, alguns cuidados devem ser tomados com relação à compreensão da performance a partir da metáfora do teatro. Não podemos pensar, principalmente

¹ Aluno de Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: tiagoindaia@yahoo.com.br



devido ao uso recorrente do termo “representação”, que durante a performance estamos envolvidos apenas com a simples repetição de ações, como se seguissemos um *script* pré-dado e do qual não pudéssemos escapar.

Nesse ponto, dois conceitos trazidos por Pennycook (2007) podem nos ser útil na tentativa de entendermos o caráter inovador das performances. Trata-se das ideias de *performativo*, que dá conta do aspecto de repetição dos sentidos na performance e de *performatividade*, que abre espaço para a inovação e transformação de sentidos. Nesse sentido, estes conceitos nos fornecem, de acordo com Pennycook (2007, p. 76), “maneiras de entender a renovação do ‘eu’ para além da noção de originalidade [já que partimos de sentidos já dados] e de mímica [já que prevemos a possibilidade de inovação]”.

A visão das narrativas adotada nesse trabalho segue, de acordo com Threadgold (2005), uma perspectiva construcionista, segundo a qual o ato de narrar adquire uma força constitutiva de nós mesmos. Consequentemente, Moita Lopes (2006b, p. 294) sugere que “as práticas narrativas são espaços cruciais (...) para o estudo dos processos de construção das identidades sociais”.

Esse entendimento das narrativas segundo a perspectiva construcionista levanta algumas questões de ordem política e, portanto, ética. Se entendemos, conforme sugere Threadgold (2005, p. 264-5), que as narrativas são atos de fala performativos que “não apenas conotam certos tipos de significados para os pesquisadores mas que também performam identidades e recriam, possibilitam e modificam realidades e normas sociais”, então devemos nos questionar sobre “quem tem o poder de nomear, de representar o senso comum, de criar ‘versões oficiais’ e de representar mundos sociais legítimos ao passo que exclui outras histórias que poderiam construir essas coisas de forma bem diferente”². Esta reflexão é, acredito eu, uma contribuição importante que este estudo pode oferecer.

Já as teorizações acerca do gênero e da sexualidade sob a perspectiva da performance encontram em Judith Butler sua principal precursora. Parafraseando esta autora, Reguera (2004), explica que a linguagem produz a materialidade do corpo, bem como suas identidades. Em outras palavras, são os atos linguísticos que atribuem valor aos corpos (THREADGOLD, 2005).

Nessa perspectiva, Butler (2003, p. 48) entende que o gênero e a sexualidade, assim como o próprio sujeito, não pré-existem ao uso que fazemos da linguagem em nossas práticas discursivas

² Neste caso, quando Threadgold fala na representação do senso comum e de mundos sociais legítimos, acredito que ele o faz pensando na performance de tais mundos ao invés de estar se referindo a algo já dado e impossível de ser transformado.



cotidianas. Pelo contrário, é através dos usos que construímos a nós mesmos, incluindo aí nosso gênero e nossa sexualidade, de forma que “o gênero é sempre um fazer”.

Aqui se faz necessário esclarecer que, como afirma Butler (2004, p. 1) em trabalho mais recente, o fato de o trabalho de construção do gênero envolver repetição, sendo sempre uma “atividade incessantemente performada”, não significa que essa atividade seja automática ou mecânica. Antes, devemos entendê-la como uma “prática de *improvisação* dentro de um cenário de constrangimentos” (grifo meu).

Entretanto, não podemos nos esquecer que ao improvisar temos que responder pelas consequências da extrapolação dos constrangimentos. Como a própria Butler sugere e Jagose (1996) reitera, a performatividade do gênero não pode ser vista sob a luz da metáfora do closet em que estamos livres para escolher, sem consequências, qual identidade de gênero ou sexualidade queremos performar. A conclusão a que se chega é que repetição (performativo) e mudança (performatividade) devem sempre ser entendidos de forma relacional.

Retomando agora a perspectiva que considera o gênero enquanto performance, parece ser interessante sublinhar a crítica que Butler (2003) faz às tentativas de instituição de identidades essencializadas e homogêneas. Jagose (1996, p. 84) explica que o ideal da unidade de gênero não passa de um “efeito de práticas regulatórias”. Tais práticas são mantidas por força de uma matriz cultural que institui a heterossexualidade compulsiva como a norma a qual todo desvio deve ser julgado. É essa matriz que, para Butler (2003, pp. 37-8), faz com que as pessoas tornem-se “inteligíveis” apenas à medida que mantêm seu gênero e sua sexualidade “em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. Como consequência, certos tipos de identidade não podem existir, pois fogem ao padrão coerente da heterossexualidade compulsiva em que o gênero deriva do sexo anatômico e a sexualidade deriva do gênero. Ora, se pensamos no gênero e na sexualidade sob a perspectiva da performance, então esse encadeamento coerente não está dado de antemão, de forma que novas possibilidades de vida podem surgir de diferentes amalgamas entre sexo, gênero e sexualidade. Temos, aqui, mais uma importante contribuição deste estudo que procura lançar questionamentos acerca da suposta coerência entre masculinidade e uma postura sexual ativa.

3. Instrumental Analítico: posicionamento e estilização

Seguindo a perspectiva construcionista adotada desde o início deste estudo, Wortham (2001) sugere que o ato de contar histórias pode re-criar, re-forçar ou transformar os sujeitos dependendo



das performances com as quais eles se engajam durante o ato de narrar. Nessa perspectiva, Moita Lopes (2006b, p. 296) afirma que “as identidades sociais com as quais um indivíduo se identifica ou é identificado dependem dos posicionamentos que este ocupa/ irá ocupar nas práticas narrativas em que está envolvido”.

Wortham (2001) sugere cinco *pistas indexicais* que sinalizam aspectos do contexto que são relevantes para uma interpretação coerente da narrativa e que nos auxiliam na análise do posicionamento do indivíduo em relação aos seus interlocutores e em relação aos personagens e ao tema da narrativa. São elas: *referência e predicação*; *descritores metapragmáticos*; *citação*; *avaliadores indexicais*; e *modalizadores epistêmicos*.

Além das pistas indexicais de Wortham (2001), um conceito que deriva dos estudos bakhtinianos e que nos será útil na tarefa de analisar a maneira como o participante dessa pesquisa se posiciona em narrativas sobre relacionamentos gays é o conceito de *estilização*. Rampton (2006, p. 225) recorre à Bakhtin (1981, p. 362) para definir estilização como “uma imagem artística da linguagem de outro”, evocando o personagem associado com maneiras específicas de agir ou de tipos de pessoas”. Nesse sentido, ao estilizar determinada fala, um sujeito está se posicionando em relação ao grupo de indivíduos que faz uso daquele estilo de fala.

4. *Sujeitos e circunstâncias da pesquisa*

O sujeito que concordou em colaborar com esta pesquisa é um jovem branco de classe média alta, 26 anos e arquiteto. Já no que diz respeito a mim enquanto pesquisador, sou um jovem branco, de classe média, 24 anos, estudante de mestrado em Linguística Aplicada e me construo publicamente como homossexual. Tais informações nos remetem ao caráter situado deste trabalho, sendo que caso qualquer uma das características descritas fosse outra, os resultados de análise seriam diferentes.

A entrevista foi realizada em um restaurante da zona sul do Rio de Janeiro em um ambiente de descontração. Durante a entrevista utilizei uma matéria intitulada *Falta homem até para homem* que foi publicada no jornal carioca *O Dia* em 08/06/2003 como propulsor para as discussões e a narração de histórias por parte de Marcelo. Tal matéria tratava, de maneira sensacionalista, de uma suposta escassez de homens gays ativos, apresentando depoimentos de alguns homens que reclamavam do grande número de gays passivos e/ ou afeminados.³

³ Moita Lopes (2006a) focaliza os processos de construção discursiva da masculinidade hegemônica nesse artigo jornalístico fazendo uma análise crítica e multimodal do discurso.



Antes de passar para a análise dos dados resta dizer que alguns procedimentos éticos foram tomados. Foi pedido permissão ao participante da pesquisa para que sua fala fosse gravada e para que os dados gerados fossem utilizados para fins acadêmicos. Além disso, seu nome real foi preservado, sendo que todos os nomes utilizados aqui são fictícios. As transcrições das narrativas seguiram convenções adaptadas de Moita Lopes (2006b), onde “E” sinaliza uma fala do Entrevistado e “P” do Pesquisador. A barra simples / significa uma pausa pequena, enquanto que a barra dupla // indica uma pausa longa. Além disso, o texto em CAIXA ALTA indica aumento significativo do tom de voz, () indica algo inaudível na gravação, :: alongamento de sílaba, (...) edição por parte do pesquisador e o texto entre colchetes [] refere-se a algum comentário feito também pelo pesquisador.

5. *Análise dos Dados*

Logo no início da entrevista, Marcelo conta uma história que, segundo ele, ilustraria e comprovaria o argumento geral da reportagem de que há um suposto excesso de homens gays passivos em contraponto com uma suposta escassez de homens gays ativos:

E- (...) O [nome da boate] lá em [nome da cidade onde mora] é o “passivódromo” porque tipo/ é tudo “colega”, “ai colega” [voz afetada]. Se surge um que é mais másculo todo mundo vai em cima, entendeu?

P- Todo mundo ataca.

E- Uhum. Então mais ou menos tipo assim () se todo mundo vai querer é porque todos são iguais não é?

P- Porque todos são passivos.

E- Isso.

Marcelo fala de um local na cidade onde mora que é conhecido como “passivódromo”. Trata-se de uma predicação que, a princípio, não podemos dizer se é negativa ou positiva. Entretanto, tal posicionamento fica claro à medida que avançamos na análise. Logo em seguida, Marcelo faz uso de avaliadores indexicais para posicionar os frequentadores daquele lugar como homens afeminados e passivos. Ao estilizar uma fala afetada quando diz “colega” e “ai colega”, Marcelo está recorrendo a uma série de significados correntes em nossa cultura que nos dizem que homens que falam de maneira afetada são afeminados e, conseqüentemente, são passivos.

Na narrativa a seguir, o entrevistado constrói uma relação entre beleza e masculinidade, como podemos observar:

E- Uma coisa interessantíssima também/ engraçada/ é que a gente tava uma vez numa roda pra entrar na boate/ na fila/ e veio um menino maravilhoso::, maravilhoso, maravilhoso, na nossa direção, ou seja, conhecia alguém da roda.

P- Como que ele era?

E- Ele era branquinho de olho claro, cabelo preto, aquela coisa bem perfeita. Não era sarado, era normal. Não chamou atenção pelo corpo, era mais o rosto mesmo/ um rosto muito bonito. Aí foi aquela coisa assim// ainda cutuquei meu amigo e falei: “Nossa, que lindo que ta vindo aí né!”. Aí ele chegou e: “Oi, tudo jóia e num sei o



quê” [voz bastante afetada]// aquela coisa né. Falei: “Nossa, o lindo acabou né, já foi embora. Tchou, pode ir, faz o que você bem entender porque perdeu qualquer beleza”.

Interessante observar que ao se referir ao garoto utilizando um adjetivo como predicação, Marcelo ainda estiliza de alguma forma sua fala, alongando as sílabas da palavra “maravilhoso”. No entanto, esta estilização difere daquela que observamos na primeira narrativa e difere ainda de outras estilizações que analisaremos mais à frente, já que ele não se posiciona como um rapaz afeminado.

Outro ponto que nos chama atenção nessa narrativa é a utilização de uma segunda predicação que correlaciona “aquela coisa bem perfeita” com “branquinho de olho claro e cabelo preto”. Apesar de não ser o foco deste trabalho, não podemos deixar de notar como é construído aqui um padrão de beleza associado a um ideal de branquitude que corresponde a uma suposta perfeição.

Tendo construído o garoto que se aproximava do grupo como perfeito, esse sentido é desconstruído através da estilização da fala desse mesmo garoto de maneira extremamente afetada. Isso o posiciona como um garoto afeminado e passivo, características essas que o retiram da posição de perfeição que ocupava anteriormente como nos mostra a fala de Marcelo em seguida: “Nossa, o lindo acabou né, já foi embora. Tchou, pode ir, faz o que você bem entender porque perdeu qualquer beleza”.

Em outro momento da entrevista, Marcelo dá continuidade à construção dos garotos afeminados como “feios”, conforme sugere o próximo trecho:

E- (...) mas é uma coisa que pelo menos pra mim não me agrada.

P- Os afeminados?

E- Os “poc-pocs” [risos]

P- Por que não?

E- É porquê igual eu falo/ o texto também fala/ se eu quisesse alguém maquiado e de batom eu estaria com uma mulher. É mais prático! [risos] Se eu gosto de homem eu gosto de homem. Eu não gosto de meninas, vamos dizer assim. E é feio também né? Sei lá/ fica uma coisa exótica. Você não sabe o que que é. Não tem determinação.

P- Se é homem ou é mulher.

E- É. Não é travesti e não vira homem também [risos]. Fica aquela coisa meio-termo.

Primeiramente, Marcelo identifica os garotos afeminados como “poc-pocs”. Nesse momento da entrevista já somos capazes de notar que essa referência é pejorativa, ainda mais se observado o riso do entrevistado ao final da fala. Tal caracterização pejorativa fica ainda mais evidente se considerarmos a definição sobre os “poc-pocs” que Marcelo me forneceu já em ambiente virtual, dois dias após a entrevista gravada. Segundo ele, “poc-pocs” não são apenas os garotos afeminados. São garotos afeminados e pobres, sendo que “afeminados ricos têm classe, normalmente se vestem bem e tal. Pobre quer imitar e vira uma coisa ‘poc poc’”.



Ainda em se tratando do último trecho reproduzido, Marcelo estabelece uma distinção entre “homens” e “meninas”. Quando diz “se eu gosto de homem eu gosto de homem”, Marcelo está utilizando “homem” como predicado que resgata uma série de sentidos correntes em nossa cultura do que é ser homem. Nesse caso, a ideia é que Marcelo se interessa por rapazes masculinos em oposição às “meninas”, que, também através de uma predicação, faz referência aos gays afeminados. A utilização de predicações continua, caracterizando os afeminados como algo “feio”, “uma coisa exótica” e “aquela coisa meio-termo”.

Percebemos aqui como a “falta de determinação” que nos impede de categorizar alguns sujeitos como “homem” ou “menina”, masculino ou feminino, incomoda Marcelo. Ele está respondendo, na verdade, ao padrão de gêneros inteligíveis a que se refere Butler (2003), sendo que os garotos afeminados rompem com o encadeamento coerente entre sexo, gênero e sexualidade. Interessante notar, no entanto, que trata-se de um padrão re-significado. Digo re-significado porque se fossemos considerar o padrão de gêneros inteligíveis conforme discutido por Butler (2003), um homem teria, necessariamente, que se envolver afetivo e sexualmente com mulheres apenas, sendo que neste caso, Marcelo também poderia ser considerado “uma coisa exótica”, uma vez que se relaciona com outros rapazes.

Por fim resta voltar à diferenciação que Marcelo estabelece entre sua fala estilizada e a fala dos afeminados. Isso fica mais evidente no próximo trecho da entrevista:

E- Esse negócio de tratamento feminino pra mim também não tem nada contra.

P- Te tratarem no feminino.

E- É, porque na verdade, é a coisa do íntimo, de amigo mesmo. Eu não trato qualquer um. (...) Sempre com meus amigos é: “Oi bonita, tudo jóia? Como é que você tá? [voz afetada]. () Então tipo assim, é tratamento íntimo. Tipo/ é bem carinhoso. Não é questão de// o que que tem te tratar de “bonita” e etc? O gênero não vai alterar nada a pessoa. O que ele pode estar reclamando aqui [na reportagem] tipo/ é que a maioria é afeminado então realça três vezes mais o BONITA:: [voz bastante afetada] né, aquela coisa e tal.

P- Então o afeminado exagera.

E- Exagera. Mas “bonita” eu também falo e não to nem aí pra isso. (...) É igual o// os homens que têm mania de “Ô viado” [voz grossa] e o outro não encara como ofensa entendeu? Aí tipo assim/ ta ele é hetero mas é uma brincadeira entre amigos.

Aqui, nosso entrevistado afirma que faz uso da flexão de gênero feminino quando está entre amigos, além de adotar um estilo de fala mais afetado. Apesar disso, Marcelo não se posiciona como afeminado que, segundo ele, “exagera” e “realça três vezes mais”. Pelo contrário, ele se posiciona paralelamente aos homens heterossexuais que usam tratamentos considerados ofensivos em algumas situações (“viado”), mas que são permitidos entre amigos. Da mesma forma, o tratamento “boneca” entre amigos não posiciona Marcelo e seu grupo entre a comunidade dos garotos afeminados.



6. Considerações Finais – algumas implicações éticas

A análise feita nos permite afirmar que, ao longo da entrevista, Marcelo se posiciona como um jovem homossexual não-afeminado e que não sente atração por garotos afeminados. As estratégias utilizadas por Marcelo para construir tal posicionamento são basicamente o uso de referências, predicação e avaliadores indexicais.

No entanto, para além desses resultados, as histórias aqui analisadas levantam sérios questionamentos éticos e, portanto, políticos. Em primeiro lugar, as histórias nos mostram a impossibilidade de separarmos as discussões sobre gênero e sexualidade de outras questões identitárias tais como raça, classe social, idade, entre outros.

Em segundo lugar, se tomamos as narrativas como performance, ou seja, como construtivas dos eventos e personagens das quais tratam, então estamos diante de histórias que constroem alguns sujeitos de maneira bastante inferiorizada. Recorrendo à Butler (2004, p. 2), somos levados a pensar nas maneiras como alguns sujeitos são construídos como menos-humanos. Segundo esta autora, “alguns humanos são reconhecidos como menos que humanos e este reconhecimento não leva a uma vida viável. Alguns humanos não são sequer reconhecidos como humanos e isso leva a outro nível de vida inviável”. Nesse sentido, somos levados a refletir sobre qual o grau de humanidade dos “poc pocs” nas histórias narradas por Marcelo. Certamente não é o mesmo do “ másculo que todo mundo vai em cima”.

Tendo dito isto, retomo agora Threadgold (2005, p. 264) que na seção teórica deste estudo chamou atenção para as consequências políticas que as histórias adquirem quando vistas sob o olhar da performance. Este autor ressalta a necessidade de “tornar visível a parcialidade e os limites das histórias dominantes e oferecer histórias alternativas ou facilitar a narração de outras histórias de maneira a intervir no social para mudar a ideologia dominante ou hegemônica”. Estamos então diante do desafio de re-escrever as narrativas que desumanizam alguns sujeitos. Essa tarefa não é fácil, pois exige um posicionamento crítico-reflexivo constante e deve se pautar pelo princípio ético da ação contra o sofrimento humano.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, John L. [1962] *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BUTLER, Judith. [1990] *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

JAGOSE, Annamarie. *Queer theory: an introduction*. Nova Iorque: New York University Press, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Falta homem até para homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina e FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (Orgs.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006a.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positioning in oral narratives. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah e BAMBERG, Michael (Orgs.). *Discourse and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.

PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and transcultural flows*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

RAMPTON, Ben. *Language in late modernity: interaction in an urban school*. Cambridge: Cambridge University Press: 2006.

REGUERA, Gabriel Bello. Judith Butler: narración autobiográfica y autorreflexión filosófica. In: NAVARRO, Pablo Pérez. *Del texto al sexo: Judith Butler y la performatividad*. Barcelona: Egales Editorial, 2008.

THREADGOLD, Terry. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, Joanna e COATES, Jennifer (Orgs.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

WORTHAM, Stanton. *Narratives in action: a strategy for research and analysis*. Nova Iorque: Teachers College Press, 2001.